

# O GÊNIO CAMÕES

Gonçalo Ferreira da Silva



## **O GÊNIO DE CAMÕES**

*Gonçalo Ferreira da Silva*

Camões foi poeta de  
indiscutível valor,  
coluna mestra das letras,  
mas destes versos o autor  
pretende mostrar ao mundo  
Camões o gênio do humor

Não vamos tratar, portento,  
da obra camoniana  
uma das mais expressivas  
da inteligência humana  
mas de lance curioso  
da vida cotidiana.

Dizem que um certo dia  
Camões foi desafiado  
a ir ao real palácio  
como qualquer convidado  
e em plena solenidade  
chamar o rei de viado.

Se aceitasse o convite  
um prêmio receberia,  
também em dinheiro vivo  
uma estupenda quantia,  
Camões ficaria rico  
a partir daquele dia.

Camões meditando disse:  
— A riqueza é o limite,  
não vou perder esta chance  
porque já tenho um palpite,  
não perco oportunidade,  
está aceito o convite.

E todos os convidados  
tinham que levar presente  
para dar ao soberano  
na hora conveniente,  
cada convidado havia  
de levar pessoalmente.

Aquela festa pomposa  
por ser evento anual  
homenageando alguma  
conquista nacional  
conduzia imenso público  
para o palácio real.

Camões era um convidado  
que estava em primeiro plano  
por ser bastante querido  
no meio palaciano,  
só que teria de chamar  
de viado, o soberano.

Camões estudou um plano  
com muito carinho e zelo  
para conseguir um meio  
que atendesse o apelo  
de chamar o rei, viado  
sem, no entanto, ofendê-lo.

Após longo estudo, disse:  
— Parece que não há jeito,  
para isto me parece  
que não há plano perfeito  
chamar o rei de viado  
sem lhe faltar com o respeito.

Assim quando muita gente  
rumava ao grande palácio  
o nosso grande arquiteto  
da querida flor do lácio  
não tinha do plano, esboço  
da redação do prefácio.

Centenas de convidados  
já estavam no salão  
cada qual com um presente  
bem reluzente na mão  
para dá-lo ao soberano  
quando fosse ocasião.

Camões coçou a cabeça  
de poeta genial  
e logo chegou-lhe à tona  
pensamento sem igual,  
e repetindo Arquimedes  
gritou: "eureka", afinal.

Pegou um peixe e, depois  
de colocá-lo num aquário  
lhe fez breve confidência  
do que achou necessário,  
rogando do novo amigo  
um espírito solidário.

Camões entrou com o aquário  
no salão palaciano  
e se sentou a dois metros  
do trono do soberano  
certo de que não havia  
qualquer vestígio de engano.

No momento, no salão  
havia um certo alarido  
mas quando cada presente  
fosse ao rei oferecido  
absoluto silêncio  
teria que ser cumprido.

Em razão da importância  
daquele anual evento  
só não se podia parar  
o motor do pensamento  
porém era proibido  
falar naquele momento.

Era tão grande o silêncio  
reinante na ocasião  
que se acaso u'a mosca  
respirasse no salão  
poderia ser ouvida  
a sua respiração.

O próprio rei acabou  
o silêncio ali reinante  
para saber, no salão,  
qual seria o visitante  
que acaso houvesse trazido  
presente mais importante.

— Quem foi que trouxe presentes?  
perguntou aos convidados.  
Quando olhou os visitantes  
no salão aglomerados,  
sem ser Camões, os demais  
tinham os dedos levantados.

Camões não erguendo o dedo  
causou admiração  
tão concentrado que estava  
com o peixinho na mão,  
imóvel, com o olhar fixo  
ao peixe dando atenção.

O peixe movia a cauda  
mas de maneira suave  
lembrando a miniatura  
de uma singular nave,  
Camões assombrava o povo  
com olhar severo e grave.

Na presença dos presentes  
o primeiro foi chamado  
para entregar o presente  
que ao rei tinha levado  
recebendo muitas palmas  
do povo entusiasmado.

O segundo foi chamado  
que se ergueu no recinto  
levando o presente ao rei,  
o terceiro, o quarto, o quinto  
cada qual mais elegante,  
mais cavalheiro e distinto.

Atendendo, de chamadas  
estudadas sucessões,  
harmoniosas e sem  
quaisquer interrupções  
chegou finalmente a vez  
de Luís Vaz de Camões.

— O que trouxe para o rei?  
ouviu alguém perguntar,  
Camões então respondeu  
pra todo mundo escutar  
dizendo: — Nada, viado  
mandando o peixe nadar.

Camões falava com o peixe  
de modo muito engraçado  
mandando o peixe nadar,  
mas para o desavisado  
Camões estava, de fato  
chamando o rei de viado.

Camões repetiu bastante  
para ninguém se enganar:  
nada, seu viado, nada,  
até o rei perguntar:  
— Chamas o rei de viado  
ou manda o peixe nadar?

Como ninguém nunca soube  
de Camões o pensamento  
para se fazer, de fato  
um seguro julgamento  
pra todos, o trocadilho  
serviu de divertimento.

O rei percebendo que  
não era um peixe chifrudo,  
pediu que Camões lhe desse  
para uma base de estudo  
como uma eterna lembrança  
aquário com peixe e tudo.

Vendo que o rei devia  
ser mesmo presenteado  
lhe deu o peixe e aquário  
ficando maravilhado  
por ser por todos na corte  
festivamente abraçado.

Este caso, certamente,  
dentro do tempo se deu,  
a rica biografia  
muito mais enriqueceu  
de quem viveu como gênio  
e como gênio morreu.

fim

8751

**ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LITERATURA DE  
CORDEL**

**MARCO DEFINITIVO  
NA HISTÓRIA DA  
NOSSA CULTURA  
POPULAR**